

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
Curso de Especialização em História e Culturas Políticas

Lucas Ribeiro Scarano

O DISCURSO BOLIVARIANO DE HUGO CHÁVEZ:  
uma simbiose entre política, religião e ideologia bolivarianista

Belo Horizonte  
2012

**Lucas Ribeiro Scarano**

**O DISCURSO BOLIVARIANO DE HUGO CHÁVEZ:  
uma simbiose entre política, religião e ideologia bolivarianista**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em História e Culturas Políticas do Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito final para a obtenção do grau de Especialista em História.

**Área de concentração:** História e culturas políticas

**Orientador:** Prof. Dr. Antonio Fernando Mitre Canahuati

Belo Horizonte  
2012

**320.987 Scarano, Lucas Ribeiro**

S285d O discurso bolivariano de Hugo Chávez [manuscrito] : uma simbiose entre  
2012 política, religião e ideologia bolivarianista / Lucas Ribeiro Scarano.-2012

47 f.

Orientador : Antonio Fernando Mitre Canahuati.

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em História e Culturas  
Políticas da Universidade Federal de Minas Gerais.

1. Chávez Frías, Hugo, 1954-. 2. Cultura política – Venezuela. 3. Ideologia .  
I. Mitre, Antonio II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de  
Filosofia e Ciências Humanas. III. Título


---

## **ATA DA DEFESA DE MONOGRAFIA EM CULTURAS POLÍTIAS, HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DE *LUCAS RIBEIRO SCARANO***

Aos **08 (oito)** dias do mês de **AGOSTO** de **DOIS MIL E DOZE** reuniu-se a banca examinadora da monografia em Especialização em Culturas Políticas, História e Historiografia com o título: "**O Discuso Bolivariano de Hugo Chávez: uma simbiose entre política, religião e ideologia bolivarianista**", composta pelas professoras: **Prof. Dr. Antonio Fernando Mitre Canahuati (ORIENTADOR – FAFICH-UFMG), Profa. Dra. Adriane Vidal Costa (FAFICH-UFMG), Profa. Dra. Priscila Ribeiro Dorella (FAFICH-UFMG)**. Procedeu-se à argüição, finda a qual os membros da banca examinadora reuniram-se para deliberar, decidindo por unanimidade por sua aprovação, atribuindo à mesma nota 85, conceito B. Para constar, foi lavrada a presente ata, que vai datada e assinada pelos examinadores.

Belo Horizonte, 08 de agosto de 2012.

**Banca Examinadora:**



**Prof. Dr. Antonio Fernando Mitre Canahuati  
(ORIENTADOR– FAFICH-UFMG)**



**Profa. Dra. Adriane Vidal Costa (FAFICH-UFMG)**



**Profa. Dra. Priscila Ribeiro Dorella (FAFICH-UFMG)**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus professores do Curso de Especialização em História e Culturas Políticas e em especial o meu orientador Antônimo Mitre que me auxiliou na elaboração da monografia e chamou a minha atenção para os erros que havia cometido. Agradeço também à minha mãe Ana Vilma que me apoiou nessa caminhada acadêmica e à minha namorada Nelian Karolina, com quem divido minhas alegrias e angústias profissionais e intelectuais. Por último agradeço a Deus por me proporcionar as condições de poder desenvolver esse trabalho.

*“Amo a história. Se não a amasse não seria historiador. Fazer a vida em duas: consagrar uma à profissão, cumprida sem amor; reservar a outra à satisfação das necessidades profundas – algo de abominável quando a profissão que se escolheu é uma profissão de inteligência. Amo a história e é por isso que estou feliz por vos falar, hoje, daquilo que amo.”*

Lucien Febvre

## **RESUMO**

O objetivo deste trabalho é analisar os discursos do presidente da República Bolivariana da Venezuela, Hugo Chávez Frías, visando apontar e entender as características presentes neles, afim de compreender a cultura política bolivariana através do imaginário social contido nas palavras do mandatário venezuelano. Neste trabalho mostramos as características do bolivarianismo enquanto cultura política e como o imaginário social presente nos discursos de Hugo Chávez apontam para este caminho.

Palavras-chave: Bolivarianismo. Imaginário social. Cultura Política.

## **ABSTRACT**

The aim of this paper is to analyze the speeches of the President of the Bolivarian Republic of Venezuela, Hugo Chávez Frías, aiming to identify and understand the features present in them in order to understand the political culture through the Bolivarian social imagery contained in the words of Venezuelan president. We show the characteristics of Bolivarianism as political culture and the social imaginary as this in the speeches of Hugo Chavez link to this route.



## **LISTA DE SIGLAS**

AD – Ação Democrática

COPEI – Partido Social-Cristão

MIR – Movimento Integração Republicana

OPEP – Organização dos Países Exportadores de Petróleo

PCV – Partido Comunista Venezuelano

PDVSA – Petróleos da Venezuela Sociedade Anônima

PIB – Produto Interno Bruto

PVR – Partido V República

URD – União Republicana Democrática

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

## SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	9
2.	CHÁVEZ E OS USOS DO DISCURSO BOLIVARIANO.....	10
3.	BREVE HISTÓRICO DA ASCENÇÃO POLÍTICA DE HUGO CHÁVEZ.....	12
4.	CULTURA POLÍTICA E BOLIVARIANISMO.....	18
5.	A POLÍTICA REVOLUCIONÁRIA BOLIVARIANA DE CHÁVEZ..	27
6.	TÓPICOS E CARACTERÍSTICAS DO DISCURSO BOLIVARIANO DE CHÁVEZ.....	31
7.	DISCURSO BOLIVARIANO: BOLÍVAR NO CÉU, CHÁVEZ NA TERRA.....	39
8.	CONCLUSÃO.....	44
	REFERÊNCIAS.....	45
	FONTES.....	47

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho visa a analisar os discursos de Hugo Chávez com o objetivo de identificar os contextos e as formas em que tem sido reativada a cultura política bolivariana a partir de sua eleição para a presidência da Venezuela em 1998.

Com o intuito de entender a formação política e ideológica de Chávez, iremos rever sua trajetória até assumir o cargo de presidente em 1999. Em seguida proporemos uma discussão do que é cultura política e de como dois dos conteúdos ideológicos mais destacados do discurso chavista – bolivarianismo, e socialismo – são utilizados para ganhar adesão e legitimar o regime internamente e no âmbito externo. No decorrer dessa análise iremos apontar as características do discurso chavista com base nas ideias sobre imaginário social.

## 2 CHÁVEZ E OS USOS DO DISCURSO BOLIVARIANO

Durante o período da Guerra Fria, e, sobretudo, a partir da revolução cubana e da eclosão de regimes militares na região, a maior parte dos governos da América Latina seguiram as diretrizes do Departamento de Estado norte-americano, como forma de assegurar a continuidade do sistema capitalista e de impedir a revolução socialista no subcontinente<sup>1</sup>. No decorrer dessa fase até a década de 1990, a Venezuela foi um sustentáculo da política externa norte-americana, sobretudo na região do Caribe e América Central, além de ser um importante fornecedor de petróleo para o mercado estadunidense, e membro fundador da OPEP que reúne alguns países árabes contrários à política externa norte-americana no Oriente Médio.

Logo depois da crise da chamada *década perdida*<sup>2</sup> e do fracasso das reformas neoliberais na Venezuela, Hugo Chávez lançou-se como candidato à presidência em 1998 com um programa que apontava, sobretudo, uma mudança na tradicional submissão do país às diretrizes da política externa norte-americana e a adoção de uma política anti-imperialista, redirecionando a economia petroleira, responsável por 80% do PIB, e reposicionando o papel da PDVSA (Petróleos de Venezuela Sociedad Anónima) no desenvolvimento do país e na sustentação de políticas públicas tendentes a diminuir a desigualdade social. Para conseguir se eleger, adotou uma estratégia que defendia o nacionalismo acima de tudo. Para

---

<sup>1</sup> Utilizamos o termo *subcontinente* sem qualquer conotação política, somente para identificar uma parte geográfica do continente americano.

<sup>2</sup> A expressão *década perdida* refere-se à estagnação econômica que experimentaram os países da América Latina nos anos 80, em decorrência da crise do petróleo e do aumento da dívida externa.

legitimar suas ações, ganhar credibilidade e mobilizar o apoio da população a seu regime se utilizou de discursos políticos que remetiam a fatos históricos e mitos culturais, e, entre eles, à imagem de um dos maiores heróis do país: Simón Bolívar.

A promoção de grande parte dos programas de seu governo gira em torno da figura de Bolívar, presente nos discursos políticos que fazem alusão tanto à personagem, quanto à época em que ele viveu, nos nomes atribuídos a projetos, programas sociais, missões e campanhas, e até nas datas de inaugurações oficiais, que muitas se fazem coincidir com algum evento histórico relacionado ao herói nacional. Isto ocorre desde a fundação do Movimento Bolivariano Revolucionário – 200, organizado na década de oitenta que rememora no nome o bicentenário do nascimento do Libertador. Mais tarde, a figura de Simón Bolívar será associada com a figura de Cristo através de uma frequente simbiose discursiva que tem sido chamada por alguns críticos de Teologia Bolivariana. Essa fusão entre o ser político e a entidade mítico-religiosa traz desdobramentos pragmáticos importantes, tanto para a política interna, quanto para política externa do regime. Com relação à primeira dimensão, cabe destacar, por exemplo, a adoção na Constituição de 1999 de dois novos poderes – o Poder Popular e o Poder Eleitoral –, inspirados nos projetos constitucionais elaborados por Bolívar para a Venezuela e para a Bolívia, em 1819 e 1824, respectivamente. Este trabalho procura estabelecer a relação que Chávez faz entre sua política bolivariana e o uso do mito Bolívar, que se tornou um “guia espiritual” e fonte discursiva do atual presidente da Venezuela.

Em se tratando de religião e política estamos elaborando a análise de uma cultura política, que na nossa concepção teria o seguinte significado:

Uma definição adequada para cultura política, [...] poderia ser: conjunto de valores, tradições, práticas e representações políticas partilhado por determinado grupo humano, que expressa uma identidade coletiva e fornece leituras comuns do passado, assim como fornece inspiração para projetos políticos direcionados ao futuro. (MOTTA, 2009, p. 21)

Podemos dizer então que o imaginário social faz parte desse conjunto de práticas políticas de um determinado grupo humano, e é dentro dessa categoria que incluímos o discurso político de Chávez, o qual iremos analisar neste trabalho.

### **3 BREVE HISTÓRICO DA ASCENSÃO POLÍTICA DE HUGO CHÁVEZ**

Hugo Rafael Chávez Frías é o atual presidente da Venezuela. Foi eleito em 6 de dezembro de 1998 por voto popular com mais de 56% da aprovação dos venezuelanos e, segundo o próprio Chávez, pretende ficar no poder até 2021, ano em que se comemora o bicentenário da independência do país após o fim da Batalha de Carabobo. As eleições de 1998 quebraram uma hegemonia de cerca de 50 anos dos dois maiores partidos políticos do país, o Comitê de Organização Eleitoral Independente (Copei), partido Social-Cristão da Venezuela, e Ação Democrática (AD), que se revezavam no poder desde 1958, quando se fechou o acordo de Punto Fijo<sup>3</sup>. Durante a permanência desses partidos no governo do país, a relação com os Estados Unidos foi bastante amigável, já que a Venezuela, além de ser um dos maiores exportadores de petróleo da América Latina e do mundo, era,

---

3 O pacto de de Punto Fijo foi um acordo político firmado no dia 31 de outubro de 1958 entre os partidos AD (Ação Democrática) COPEI (Partido Social-Cristão) e URD (União Republicana Democrática) que buscava respeitar o resultado das próximas eleições e sentar as bases para a institucionalização de um sistema democrático. Ficaram de fora dois partidos PCV (Partido Comunista Venezuelano) e o MIR (Movimento Integração Republicana). O sistema político instituído pelo acordó de Punto Fijo seria dominado por dois partidos que se revezaram no controle do Executivo até a década de 1990. A eleição de Hugo Chávez, candidato do Partido V República em 1998 marca o fim desse sistema.

e ainda é um importante fornecedor para o mercado norte-americano – principal destino de suas exportações.

Na década de 1990, o país passou por uma grave crise financeira devido à baixa no preço do barril de petróleo e, concomitantemente, ao aumento dos juros da dívida externa. A eleição de Chávez foi uma reação do povo venezuelano a tal crise, e à grande discrepância existente entre a minoria rica e a maioria pobre da população.

Na verdade, o petróleo, sua extração e exportação constituem a base da economia do país. Quase dois terços do PIB venezuelano advém diretamente da exploração do petróleo, que gera cerca de dois terços de toda a arrecadação fiscal do país. As reservas de petróleo e gás venezuelanas colocam o país em quinto lugar, entre os grandes produtores mundiais. O governo, tradicionalmente, pratica uma ampla redistribuição de tais recursos, através de contratos com empresas de obras, de serviços e de ação social, além de reforço da caixa da previdência social. Contudo, ao longo dos últimos cinquenta anos tal processo de transferência de renda para o setor privado atingiu uma elite reduzida do país. A maior parte da população permaneceu pobre, mal atendida, com graves problemas estruturais em termos de serviço, incluindo-se aí educação e saúde. (SILVA apud MARCANO e TYSZKA, 2006, p. VII-VIII)

Essa reação não se deu da noite para o dia, nem de um ano para o outro. Após uma política de cinquenta anos que fazia o país crescer para as classes média e alta<sup>4</sup>, devido a alta dos preços e da exportação de petróleo. A capacidade distributiva e a continuidade da cultura rentista começaram a ser seriamente ameaçadas pela queda dos preços ao longo dos anos oitenta do século XX e a Venezuela terminou a década com seu sistema político fragmentado, sua economia diminuída e uma explosão de violência social manifesta no *Caracaso* – a revolta

---

<sup>4</sup> Faziam parte dessa “elite”, não apenas a burguesia comercial e industrial, mas amplos setores de classe média e dos trabalhadores organizados. Certamente que havia concentração de renda na cúpula, mas os ganhos obtidos pela exportação de petróleo eram distribuídos entre vários setores corporativizados. Há que lembrar que na época de “Pacto Fijo”, a Venezuela exibia uma dos menores índices de desigualdade social. Enquanto os preços do petróleo estiveram em alta, o sistema funcionou e ganhou considerável adesão por parte dos distintos segmentos da população. (Antônio Mitre)

produzida na capital contra as medidas neoliberais e as reformas propostas pelo governo de Carlos Andrés Pérez..

Hugo Chávez nasceu no contexto em que a Venezuela começava a se erguer economicamente através do petróleo, no ano de 1954. Filho de uma família simples em Barinas, foi morar com a avó, juntamente com seu irmão mais velho, pois seus pais não tiveram condições de criar todos os cinco filhos homens que tiveram. Cresceu estudando Rousseau, Bolívar, Martí, dentre outros pensadores que o influenciaram em sua vida política. Segundo ele mesmo, na sua infância e juventude nunca foi marxista, apesar de ter lido as obras de Marx e conhecer suas ideias. Tinha uma preferência maior pelos pensadores latino-americanos. Ingressou no exército venezuelano e lá começou a militar por um país mais igualitário, como nos informa o próprio Chávez no trecho a seguir.

– Não só me sentia um soldado, mas na Academia a floraram em mim as motivações políticas. Eu não poderia assinalar um momento específico. Foi um processo que começou a substituir tudo o que até aquele momento havia sido meus sonhos e minha rotina: o beisebol, a pintura, as garotas. (trecho de ELIZZALDE, R., e L. BÁEZ. In: MARCANO e TYSZKA “Nosso Chávez”, 2006, p. 42)

Ao contrário de outros países latino-americanos, o exército na Venezuela sempre teve simpatia por parte da população, o que facilitava homens simples a chegar a altas patentes, como Chávez que chegou a comandar uma tentativa de golpe em 1992. Preso por esse ato, conseguiu projetar sua imagem a nível nacional aproveitando a exposição na mídia. Na prisão, dava autógrafos e se tornaria famoso pela luta por uma Venezuela sem corrupção e fora do domínio das elites. Segundo Marcano e Tyszka, diz Chávez na prisão a uma repórter: “– O verdadeiro autor desta libertação, líder autêntico desta rebelião, é o general Simón Bolívar. Ele, com seu



verbo incendiário, nos iluminou o caminho”, e para os autores: “No fundo, o que diz é: Bolívar e eu demos um golpe de estado. Bolívar e eu queremos que o país mude.” (MARCANO E TYSZKA, 2006, p. 119)

Desde sua entrada no Exército, Chávez já vinha aderindo à ideia de uma luta política pela unidade da América Latina, se interessava com as revoluções ocorridas no subcontinente. Além da revolução cubana, também se fascinou com a Revolução Panamenha, comandada pelo general Omar Torrijos que, em negociações com o governo Carter, havia conseguido, em 1977, a assinatura de um tratado que asseguraria ao Panamá o controle do canal a partir em 1999, e também com a Revolução Peruana, liderada por Juan Velasco Alvarado (militar), que lhe presenteou com o livro *A Revolução Nacional Peruana*. No período em que ficou na cadeia, escrevera bastante sobre sua revolta diante da situação social do seu país. Como comentam MARCANO E TYSZKA:

As linhas do diário de Hugo Chávez mostram-se carregadas de impaciência e irritação. Ali expressa seu nacionalismo e antipatia pelos Estados Unidos. Sua equipe de beisebol favorita, Los Navegantes de Magallanes, perdeu uma partida. Então ele confessa: 'Perdi aquele fanatismo. Este beisebol não é nosso. É, também, dos norte-americanos. Por aqui, ouço *joropo*. É nossa música. Também está pisoteada pela música estrangeira', lamenta-se: “Carecemos de identidade”...(2006, p. 49)

Carismático e com boa retórica, Chávez foi ganhando cada vez mais adeptos a sua causa até, no final da década, se tornar uma figura forte no cenário político. Depois de ser anistiado pelo presidente Rafael Caldera evitou inicialmente disputar eleições, preferindo fortalecer sua base de apoio para se apresentar na eleição de 1998, prevendo que suas chances de chegar à presidência da república aumentariam com o aguçamento da crise social. Os autores da biografia de Chávez

apontam uma característica do bolivarianismo recriado por ele e que nos mostra um projeto político que se iniciara desde o momento da sua prisão:

Se algum dia teve a idéia de que seu destino pessoal estava irremediavelmente unido ao destino do país, a experiência do cárcere funcionou como parte dessa história romântica, e necessária, de que costumam padecer os heróis antes de alcançar a vitória. William Izarra disse que Chávez “estava convencido de ter cumprido uma missão terrena guiado por uma força superior ao ser humano”. Isso coincide com o sentido heróico que propõe o bolivarianismo, com a saga simbólica da qual ele já se sente protagonista. (MARCANO E TYSZKA, 2006, p. 124)

Esse seu *destino manifesto* está ligado à crença de que fazia parte da família de um guerrilheiro famoso, Pedro Pérez Delgado, conhecido como *Maisanta*.<sup>5</sup> Segundo relatos, *Maisanta* era avô da mãe de Chávez e também um personagem histórico controverso, pois não se sabia se ele era herói ou bandido, porém ele o incorpora a sua genealogia como um herói, e ainda mais, entende que seu destino revolucionário estava escrito na história de seus antepassados. Além de *Maisanta*, Chávez cria uma base ideológica fundamentada nos maiores heróis venezuelanos do século XIX. A chamada *Árvore das três raízes* é o tripé que sustenta o tronco do bolivarianismo e é formada por: a) Simón Bolívar: o Libertador e herói supremo; b) Simón Rodríguez: o mestre de Bolívar; c) Ezequiel Zamora, herói da guerra que havia lutado pela soberania nacional venezuelana na guerra de independência e contra o regime oligárquico nas primeiras décadas da República.

Todavia, dentre todos os *heróis* que Chávez incorpora em seu discurso, o mais importante e marcante foi realmente Bolívar, não somente por ser um grande pensador latino-americano, mas também por ter lutado nos campos de batalha pela independência da América Latina. Em síntese, por ter juntado pensamento e ação

---

<sup>5</sup> Pedro Rafael Pérez Delgado (1881-1924), conhecido como *Maisanta*, foi um guerrilheiro e caudilho venezuelano. Hugo Chávez seria bisneto de *Maisanta*.

na obra de liberação das antigas colônias. A admiração de Chávez por Bolívar tornou-se uma devoção que, ao mesmo tempo, contribuiria a dotar de significado as ações do líder venezuelano. Tal como lembram Marcano e Tyszka, a própria tentativa de golpe, em 1992, seria interpretada por Chávez como se ela fosse um instrumento para materializar a vontade do Libertador:

Dentro de um culto ao Pai da Pátria a mensagem era também clara: rebelaram-se para cumprir a vontade de Bolívar. É de supor que tudo viesse junto, que de maneira natural Chávez descobriu que o discurso bolivariano tinha uma eficiência importante. Que, entre sua crescente popularidade e a popularidade do Libertador, havia uma química, uma linha de apoio mútuo, um futuro. (2006, p. 134)

Apesar de sua popularidade ter aumentado muito durante o período em que esteve preso, ao ser libertado pelo ex-presidente Caldera, Chávez começou a perder visibilidade na mídia e no cenário político. Entretanto não abandonou a ideia de ser presidente da república e passou a fazer uma peregrinação política, muito semelhante à história de vários personagens bíblicos. Viajava numa caminhonete Toyota Samurai, que havia comprado e saía discursando para grupos muito reduzidos de pessoas, mas ainda assim com o fervor e entusiasmo de quem estaria proclamando para uma multidão de pessoas a vinda de um novo tempo para a Venezuela. Até 1996, Chávez estava convencido de que poderia haver uma mudança política no país através da luta armada. Nunca quis ser deputado nem vereador, sua missão era liderar o povo venezuelano nem que para isso abrisse mão da democracia. Foi Luis Miquilena, um de seus aliados políticos e ex-comunista, que o convenceu a buscar o poder pela via democrática, já que o momento era de crise do velho sistema partidário, o que facilitaria a entrada de um

revolucionário no poder. O próprio Chávez confirma essa mudança, baseando-se na opinião da população de seu país.

– Nós nos dedicamos a pesquisar o que pensavam as pessoas (...) nos demos conta de que boa parte de nosso povo não queria movimentos violentos, mas tinha a expectativa de que organizássemos um movimento político, estruturado, para optar por uma via pacífica. Decidimos então avançar pela via eleitoral. (CHÁVEZ in Harnecker in MARCANO e TYSZKA, 2006, p. 150)

É esse o meio que Hugo Chávez usa para se tornar líder da revolução bolivariana. Trocou o *liquiliqui* (roupa típica venezuelana) pela roupa camuflada e a boina vermelha, característica do grupo de paraquedistas do exército, os *boinas rojas*. Apesar de oficialmente não fazer mais parte do exército, usa até hoje o uniforme como símbolo de uma luta permanente pela revolução bolivariana. Mas certamente o apelo simbólico não teria sido suficiente para alcançar a presidência, foi decisivo o apoio de partidos da esquerda, de grupos dissidentes de AD, do próprio partido de Chávez na formação do Polo Patriótico em um contexto de forte descrédito das velhas elites governantes e de profunda crise econômica.

## 4 CULTURA POLÍTICA E BOLIVARIANISMO

O termo *cultura política* é um conceito que começou a ser discutido no século XIX, porém foi somente no século subsequente, com o a revolução documental – crítica das fontes e diversidade das mesmas – e com a abertura do espectro disciplinar proposta pelos franceses da Escola dos Annales que a expressão vai

ganhando legitimidade. Entre os intelectuais do século XIX, Alexis de Tocqueville, em *A democracia na América*, obra publicada em duas partes, em 1835 e 1842, foi um dos primeiros a apontar e analisar, sob a ótica da ciência política, os fatores culturais que explicariam a forma com que os Estados Unidos desenvolveram sua organização política<sup>6</sup>.

No entanto, somente na década de 1950 e 1960 é que o termo *culturas políticas* ganhou status acadêmico com os trabalhos dos norte-americanos Gabriel Almond e Sidney Verba, que cunharam o conceito para explicar a política e a sociedade estadunidenses. “A noção de *cultura política* utilizada por Almond e Verba e em vários estudos que os sucederam atribui grande importância ao processo de socialização (que tem lugar em espaços distintos como a família, a escola e o trabalho) na definição do comportamento político.” (KUSCHNIR e CARNEIRO, 1999, p. 2). Os autores norte-americanos enquadraram as culturas políticas em três modelos: a) cultura política paroquial; b) cultura política da sujeição; c) cultura política da participação. A princípio, o engessamento da categoria nos três tipos poderia dificultar as análises de sistemas com características diferentes dos três, o que gerou polêmicas, porém nada impede de que possamos enquadrar o uma cultura política em mais de uma categoria.

A escola francesa dos Annales também deu grandes contribuições para o estudo das culturas políticas, enquadrando o termo como uma nova categoria de análise histórica. René Remond e seus discípulos fizeram estudos historiográficos e sociológicos baseados na nova tendência da história cultural. Eles adotaram as ideias da revolução historiográfica proposta pelos Annales e renovaram o estudo da

---

<sup>6</sup> MOTTA, Rodrigo Patto de Sá. Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia. In: \_\_\_\_ (org.). **Culturas Políticas na História: Novos Estudos**. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009. p. 13-38

política dentro do campo histórico. “[...] enquanto a História Política do século XIX mostrava uma preocupação praticamente exclusiva com a política dos grandes Estados (conduzida ou interferida pelos 'grandes homens')” (BARROS, 2004, p.107). A renovação da história política perpassa o campo cultural, analisando não somente os fatos econômicos ou materiais, mas também a mentalidade e as representações dentro da política, ou seja, faz-se uma história cultural da política.

A discussão sobre o bolivarianismo pode ser inserida no campo da história cultural da política, mais precisamente dentro do campo da história das representações. As análises fundamentadas no conceito de representação podem ser feitas, segundo Francisco Falcon, com base em abordagens textuais e pré-textuais. A que nos interessa é a primeira, pois analisaremos a representação de Bolívar no discurso de Chávez.

No caso das abordagens textuais, os imaginários sociais constituem “representações” cujos sentidos devem ser apreendidos nos textos dos próprios imaginários. Nesse caso, explicá-los e compreendê-los às suas determinações “não-imaginárias”, mas pelo contrário, é a tentativa de perceber de que modo tais imaginários “constituem” a própria realidade, incluindo o social. (FALCON, 2000, p. 52)

Nas análises sobre as representações há sempre um símbolo que permeia o imaginário coletivo. Bermúdez e Martínez falam dessa produção simbólica no âmbito político. Os autores trabalham com a reconfiguração que Hugo Chávez faz dos símbolos e às ideias bolivarianas dentro do novo contexto surgido com a crise do sistema de Pacto Fijo:

La construcción del sentido social presupone tanto lo simbolizado como la referencia a un contexto relativo al nivel de satisfacción de las expectativas de los actores. En este espacio, es interesante apuntar entonces, que la creación de los símbolos que configuran el sentido y la significación no

consiste en un acto puro, sino que tiene una relación constitutiva con lo simbolizado. (2000, p. 55)

Nesse sentido, há uma ligação entre o herói Bolívar e a forma chavista de aproveitar seu legado na formulação de suas políticas, se constituindo em um fator relevante na produção simbólica da sociedade venezuelana. A imagem de Bolívar foi utilizada como emblema de coesão e de luta contra o imperialismo e as elites conservadoras nacionais em circunstâncias de grande anomia social e cultural que experimentava a sociedade venezuelana. Através do seu discurso, o atual presidente da Venezuela busca associar a *cultura política* do país ao legado de Bolívar, manipulando símbolos que são facilmente assimilados por grande parte da população, principalmente as classes mais pobres, o proletariado e o campesinato.

Algumas considerações devem ser feitas para podermos tratar o bolivarianismo enquanto *cultura política*. Rodrigo Motta nos fornece orientações relevantes teórica e historiograficamente para essa empreitada. Segundo sua análise: “É colocando em contraste culturas políticas diversas que melhor visualizamos suas características e peculiaridades, que ficam mais visíveis quando comparadas com o diferente, o outro.” (2009, p. 22). Seguindo essa pauta, cabe apontar alguns traços contrastantes ou próprios do regime de Chávez com relação ao legado bolivariano, começando pela adoção de um novo nome, o de República Bolivariana da Venezuela, como ato fundacional sinalizador de um novo tempo para o país. Em segundo lugar, a releitura dos conceitos de igualdade e liberdade, cuja origem moderna remonta ao contratualismo do século XVII e à Revolução Francesa, a partir de sua inserção na trajetória histórica latino-americana. E em terceiro lugar, a possibilidade de enquadrar o bolivarianismo chavista dentro do marco de uma

*cultura política* mais ampla como o populismo, mostrando suas especificidades em face de outras experiências na Europa e também na América Latina.

Outra questão a ser ponderada é a duração de um fenômeno para que possa ser considerado como uma *cultura política*.

Parece inadequado usar cultura política tendo como referência situações efêmeras, passageiras, pois se perde a força do conceito, que reside exatamente em revelar como certos comportamentos políticos são influenciados por elementos arraigados na cultura de um grupo. O valor explicativo do conceito reside em mostrar como as ações políticas podem ser determinadas por crenças, mitos, ou pela força da tradição. Por isso, não há lugar para o efêmero. (MOTTA, 2009, p. 22)

Quando se trata de cultura se fala também de um tempo de longa duração, ou seja, outras gerações tem que ter partilhado dos mesmos sentimentos, os mesmo heróis, mitos ou ideologia. No caso da Venezuela: “El Borivarianismo que se expresa como columna vertebral del pensamiento de Hugo Chávez Frías no es un elemento novedoso como discurso ideológico para la construcción de las identidades políticas em Venezuela.” (ROMERO apud BERMÚDEZ E MARTÍNEZ, 2000, p. 62). Com efeito, a figura de Bolívar foi utilizada, ao longo do tempo, pela direita e pela esquerda do espectro político venezuelano, seja como mito unificador ou como fonte legitimadora de ações políticas de governantes autoritários como Marcos Pérez Jiménez na década de 1950, social democratas como Carlos Andrés Pérez na década de setenta, ou socialistas como Hugo Chávez, atualmente.

O culto a Bolívar é “[...] una construcción simbólica que recurriendo a la legitimidad histórica, proyecta a través de la edificación de símbolos, ideas, signos y comportamientos alrededor del héroe, la constitución de identidades políticas.” (BERMÚDEZ, apud BERMÚDEZ e MARTÍNEZ, 2000, p. 62), ou seja, há uma



tradição na Venezuela de se apropriar a imagem de Bolívar para fins políticos, buscando criar uma noção de igualdade entre todos os venezuelanos, independentemente de sua classe social.

Uma terceira questão sobre as *culturas políticas* é que elas não são herméticas, podendo sofrer influências de várias outras. No caso bolivariano, é possível perceber também pelo menos duas subculturas distintas: uma populista, pautada nos discursos de Chávez pelas conotações atribuídas ao vocábulo “povo” como entidade unívoca, fonte de legitimidade política, princípio de identidade coletiva e alvo das políticas públicas, pois há uma constante valorização de práticas como a reforma agrária, a socialização dos bens e a presença forte do Estado na economia e na mídia (vetor de propagação do bolivarianismo).

Esto es un conflicto permanente pues el imperialismo no nos dejará en paz; la burguesía venezolana pitiyanqui no nos dejará en paz, así que acostubrémonos a vivir como dijo William Lara un día, en un conflicto permanente. O como dijo y lo desarrolló en una tesis, León Trotsky, la revolución permanente, perenne, la lucha permanente. (FRÍAS, 2010)

O estudo das *culturas políticas* não se restringem às representações, mas deve incorporar também às ações políticas. “De fato, o vasto patrimônio que conforma as culturas políticas depende, para sua formação, das ações de seus inspiradores originais e dos aderentes posteriores.” (MOTTA, 2009, p. 23). As ações de Bolívar foram mitificadas, sobretudo nos países bolivarianos e Chávez (aderente posterior) se utilizou dessa imagem para alavancar suas políticas sociais e econômicas, fazendo referência sempre ao líder original.

Outra questão que devemos levar em conta é “[...] a existência de vetores sociais responsáveis pela reprodução das culturas políticas, como família,

instituições educacionais, corporações militares, partidos e sindicatos.” (MOTTA, 2009, p. 23). Chávez utiliza muito bem esses vetores. Um grande exemplo disso é o canal estatal que, diante de todos os outros canais de TV privadas, consegue ser uma ferramenta de comunicação do presidente com a população. Um dos programas existentes no canal é o “Alô presidente” em que Chávez recebe ligações da população e as responde no ar, propagando assim as políticas de seu governo e também a ideologia bolivariana. Além do canal de televisão, o governo também possui um site oficial<sup>7</sup>, em que há várias vias de comunicação como o twitter e o blog do presidente. No blog é possível ver os discursos mais importantes de Chávez, sendo que em todos a figura de Bolívar é sempre lembrada. Porém, a parte mais expressiva da página da internet é o link denominado “Pensamientos del Libertador Simón Bolívar” em que surge uma frase do herói a cada vez que se acessa o link dentro da página.

Além das mídias, há uma instituição (vetor social) na qual convergem e se superpõem a imagem dos dois líderes: as forças armadas. Bolívar era um *criollo*, que liderou o exército caraquenho contra a manutenção do pacto colonial com a Espanha e pela independência do país, desejando criar uma América Latina totalmente livre do domínio ibérico. Estudou na Europa, onde teve contato com diversos autores iluministas como Rousseau por exemplo. Ao voltar para Caracas, incorporou-se às lutas contra a dominação colonial e pela unidade continental, liderou exércitos e produziu um pensamento político próprio que cristalizou em vários textos políticos, como a Carta de Jamaica, e projetos constitucionais como o de Angostura, proposto para a Venezuela, e o projeto de Constituição para a

---

<sup>7</sup> O site que continha as informações era o <http://www.gobiernoenlinea.ve/misc-view/index.pag>, porém ele foi substituído em 2012 pelo site <http://gobiernoenlinea.gob.ve/home/busqueda.dot>. Para ver a página anterior é preciso entrar em <http://archive.org/> e digitar o primeiro endereço.

república da Bolívia. Já Chávez é um militar de carreira com ideias esquerdistas. Fracassou na tentativa de dar um golpe de Estado em 1992 contra o governo de Carlos Andrés Pérez.. Foi eleito democraticamente em 1998 e promoveu a elaboração de uma nova constituição para a República Bolivariana da Venezuela, em que modificou de forma significativa a estrutura e a política do Estado venezuelano. Em síntese, o apelo popular da imagem política de ambos está associada não apenas à noção do militar rebelde que luta pela soberania do país, mas também à do legislador e modelador de um novo Estado a partir de Constituições fundacionais.

De acordo com pesquisa realizada em 1996, os venezuelanos se sentiam abandonados politicamente e por isso não confiavam nos partidos políticos tradicionais, nem na maior parte das instituições. Essa situação acabou gerando uma crise política grave, facilitando assim a entrada de Chávez no poder.

El venezolanos no creen en los partidos, ni en los políticos, ni en las organizaciones sindicales, ni en el gobierno, ni en el sistema de justicia, ni en el parlamento. El venezolano no se siente representado, y expresa un profundo sentimiento de abandono, desamparo y desconfianza y una pérdida de orientación del sentido de futuro. (IFEDEC, 1995; Fundación Pensamiento y Acción, 1996). Los venezolanos expresan su confianza sólo en algunas instituciones, entre las que se destacan, en segundo lugar, las Fuerzas Armadas (Fundación Pensamiento y Acción, 1996). Al mismo tiempo expresa una representación negativa de la política, lo que hace que ésta pierda sua capacidad integradora y de ámbito de construcción de sentido para la acción política. (BERMÚDEZ e MARTÍNEZ, 2000, p. 61)

As forças armadas que haviam desaparecido do cenário político entre 1958 e 1980, voltaram à tona capitalizando a confiança do povo venezuelano, que começou a identificar na figura de Chávez o salvador da pátria que poderia instituir uma democracia sintonizada com os princípios de justiça social e superar a

desesperança da população mais pobre com relação aos governos anteriores, considerados neoliberais e promotores de uma democracia elitista.

Outra instituição bastante explorada por Chávez é a Igreja católica, resquício de uma religiosidade incrustada na cultura latina. Introduzido com a colonização espanhola, o catolicismo se tornou ao longo do tempo uma força social de enorme relevância em toda a América Latina. A religiosidade esteve presente na vida de Simón Bolívar, através de sua família, quanto está nos discursos de Chávez que coloca Cristo como inspiração de sua política voltada para os pobres. Durante a campanha para a formação da Constituinte, ele “enfaticó que si Cristo estuviera con nosotros ahora votaria em la Constituyente por los candidatos de la Revolución” (BOLET e BARRERA, 2004, p.12-13). E na ocasião do referendo solicitado pela oposição para retirar o presidente do poder, Chávez “rodeado de símbolos religiosos e históricos, se abrogó como su particular triunfo político la Constitución de 1999 y el referendo revocatorio presidencial que ahora se activaba contra él.” (LANDER e MAYA, 2005, p. 47)

A última questão que devemos destacar é a presença de uma ideologia bolivarianista que mescla outras ideologias como a populista e a socialista. Entendemos que “[...] ideologia significa um conjunto de ideias que dá forma a determinados projetos políticos e impele à luta pela conquista do poder [...]” (MOTTA, 2009, p. 27). Neste sentido, há a formação de uma nova ideologia que busca suprir as necessidades políticas do povo venezuelano.

O projeto político bolivariano é uma proposta que foi implantada em 1999 com a Constituição Bolivariana. Nele é possível perceber que, o pensamento de Bolívar, vem acompanhado com frequência de ideias socialistas e republicanas. Em síntese,

trata-se de uma junção e mescla de diversas tradições políticas e ideológicas e de vários mitos, símbolos e propostas, com a missão de levar a igualdade política e econômica ao povo venezuelano e manter contato com outros povos latino-americanos que se identificam com a luta chavista ou com sua política externa, como por exemplo a Bolívia de Evo Morales, e os presidentes do Equador e da Nicarágua.

Podemos concluir então que há uma cultura política bolivariana. Há vários indícios que nos indicam isso: a) a presença de uma tradição baseada no pensamento e discursos de Bolívar; b) a adoção da imagem do herói em distintas épocas, como durante os governos de Rafael Caldera e de Carlos Andrés Pérez na década de 1970, como símbolo de unidade latino-americana e luta anti-imperialista, o que faz com que a apropriação da sua imagem feita por Chávez não seja um fato inédito; c) a utilização de vetores sociais como as mídias e as instituições para difundir as ideias bolivarianas; d) a identificação da população com as forças armadas; e e) a mescla de outras culturas políticas como a socialista, a republicana e a populista na formação da cultura política bolivariana.

## **5 A POLÍTICA REVOLUCIONÁRIA BOLIVARIANA DE CHÁVEZ**

As eleições de 1998 na Venezuela foram um marco na história do país. A radicalização política de Chávez aconteceu de maneira gradual. A primeira mudança foi introduzida, em 25 de abril de 1999, quando Chávez conseguiu que, através de

um referendo, se convocasse uma Assembleia Nacional Constituinte (ANC) – mesmo com uma abstinência de 62,4% da população eleitoral<sup>8</sup> –, o que retirava do poder todos os antigos membros do congresso e elegia novos membros a partir daquele momento. A eleição para a Assembleia Nacional foi realizada com base no sistema plurinominal, com lista única aberta. A nova Constituição foi aprovada em consulta popular em 15 de dezembro de 1999, e “entre outras medidas, mudava o nome do país para República Bolivariana da Venezuela [...]” (ZANCOPE, p. 2, 2011). Em 2000, com base na nova Constituição, são eleitos o presidente, deputados, governadores, prefeitos e todos cargos públicos passam a ter novos ocupantes, fazendo com que a base de apoio ao regime contasse com forte apoio institucional.

Na educação, Chávez elaborou propostas que desagradaram a classe média e os educadores. Planejou fazer uma reforma para aprovar a *resolução 259*, que propunha refazer por completo os livros de história, exaltando o governo atual e criticando os 40 anos de democracia anterior, considerada elitista e excludente pelo governo de Chávez. “Mas é a apresentação do novo Projeto Educativo Nacional, elaborado pelo professor marxista Carlos Lanz – um radical que fustiga os hambúrgueres do McDonald's como *transculturantes* – que porá à prova o governo de Hugo Chávez.” (MARCANO e TYZSKA, 2006, p. 178). O novo Projeto Educativo Nacional trazia uma proposta compatível com os ideais revolucionários da América Latina, difundia termos como imperialismo norte-americano, e heróis como Bolívar, José Martí, figuravam como ícones na trajetória do continente. “A classe média começa a ter pesadelos com pequenos pioneiros [crianças que possivelmente iriam crescer direcionando seus pensamentos para ideologias de esquerda], nutridos com

---

<sup>8</sup> As eleições na Venezuela não são obrigatórias.

o anúncio da criação do 'Prêmio Comandante Ernesto Guevara' pelo Ministério da Educação.” (MARCANO E TYZSKA, 2006, p. 178)

Em 2001, através de lei habilitante Chávez decreta duas medidas definidoras dos rumos que assumira a revolução bolivariana: a lei de hidrocarbonetos e a lei da reforma agrária. Esta última, segundo o mandatário, seria

uma lei na verdade revolucionária, que não atropela ninguém, só está cumprindo o mandato constitucional acabar com o latifúndio; de estabelecer um imposto; de regularizar a produtividade da terra; de subordinar a propriedade da terra à produtividade e ao interesse nacional de obter níveis altos de auto-abastecimento agro-alimentar'. A principal crítica gira em torno da submissão da atividade agropecuária aos desígnios do governo, ao dar-lhe esse poder para decidir a atividade das fazendas privadas” (MARCANO E TYZSKA, 2006, p. 181)

Essas reformas propostas por Chávez afetaram muito sua popularidade. Era ao mesmo tempo amado e odiado. Considerado um líder populista, não agrada a todos os lados, tachado pela direita de comunista e autocrata devido a seus discursos e propostas de estatização de vários setores da economia de base como as produtoras de cimento e as siderúrgicas, e pela esquerda considerado um individualista. Era adorado principalmente pelas classes mais baixas e odiado por parte das classes média e alta.

Apesar de sua política parecer ser revolucionária, suas atitudes individualistas criaram uma certa antipatia de grupos de esquerda que anteriormente o apoiavam. Chávez foi bastante criticado pela sua mudança de postura e aumento exorbitante de gastos com viagens, roupas caríssimas e outros luxos, sendo que até 1998 era um homem desprendido de bens materiais.

Essa política populista acabou por aflorar na tentativa de golpe militar em abril de 2002. Com o apoio da classe média, a oposição organizou um plano para tirar Chávez do Palácio de Miraflores e ainda acusá-lo de mandar atirar em vários civis que estavam na marcha antichavista. O problema foi que no mesmo dia um outro grande grupo de pessoas estavam em frente ao palácio em apoio ao presidente e acabaram encontrando o grupo opositor nas ruas. A mídia privada editou um vídeo em que os chavistas atiravam na direção dos militantes opositores, porém não contavam que fossem desmascarados em apenas dois dias. Sobre essa relação de amor e ódio os biógrafos de Chávez dizem:

Analisando essa situação, Teodoro Petkoff propõe separar as duas coisas: por um lado a mobilização popular, e por outro a conspiração. – As duas coisas marcharam paralelamente, e num determinado momento os conspiradores cavalgaram a mobilização popular. Não acho que as mobilizações dos meses anteriores respondiam à estratégia dos conspiradores, mas estes, já nas semanas finais, as utilizaram sem dúvida.” (MARCANO E TYZSKA, 2006, p. 208-209)

A política adotada por Chávez foi marcada por reformas que geraram controvérsia na população venezuelana. Teve grande apoio das classes mais pobres e oposição da classe média. O que chama a atenção nessa política não é tanto as reformas ou as tentativas de mudança na política e na economia, mas sim os discursos utilizados pelo presidente da República Bolivariana Venezuelana, que é o tema central do nosso trabalho.



## 6 TÓPICOS E CARACTERÍSTICAS DO DISCURSO BOLIVARIANO DE CHÁVEZ

Desde que saiu da cadeia, em 1994, Chávez iniciou uma peregrinação e começou a discursar para o povo venezuelano em busca de adesão às suas propostas revolucionárias. No princípio, seus interesses eram a de convencer o povo venezuelano de que as ideias de Bolívar deveriam ser reascendidas no coração das pessoas e que ele era uma espécie de messias que espalhava a palavra do “Pai” para as classes mais baixas da sociedade. Sua intenção era mostrar para a população que a via mais eficaz para que ele se tornasse o líder de seu povo era através da luta armada, como havia feito em 1992. Todavia, a partir de 1996 ficou convencido por seus companheiros de luta e pelo momento de crise no qual passava a Venezuela, que a revolução deveria ser feita pela democracia, através das eleições presidenciais. A partir de então mudou sua estratégia de *combate* e começou a colocar-se como um candidato à presidência da república. Seus discursos continuavam inflamados e buscava sempre atacar a direita de seu país. Durante as eleições de 1998, atacou de forma veemente a política direitista da época, acusando-a de promover a desigualdade social e de permitir que os Estados Unidos tomassem conta do petróleo e da mídia do país. Com discursos inflamados e palavras fortes chamava a atenção de milhares de pessoas por toda a Venezuela e também fora dela. Tais discursos possuíam características próprias de um líder revolucionário, mas ao mesmo tempo conservador em muitos sentidos. Mesmo após eleito, Chávez continuava e ainda continua a impor sua posição através de seus

discursos tão marcantes pela forma exagerada de se pronunciar. Esse trabalho irá analisar essas características presentes em seus discursos pós-eleições afim de sintetizar suas falas já como presidente, procurando defini-las de alguma maneira.

Analisar um discurso é trabalhar com o imaginário social de um povo. É através dele (imaginário) que uma sociedade é moldada e é o objeto o qual os líderes se utilizam para apoiar seus arcabouços ideológicos e defender uma causa que convença as pessoas sobre as ideias que se está defendendo. Segundo José Murilo de Carvalho, no livro *A formação das almas*:

É por meio do imaginário que se podem atingir não só a cabeça mas, de forma especial, o coração, isto é, as aspirações, os medos e as esperanças de um povo. É nele que as sociedades definem suas identidades e objetivos, definem seus inimigos, organizam seu passado, presente e futuro. O imaginário social é constituído e se expressa por ideologias e utopias, sem dúvida, mas também [...] por símbolos, alegorias, rituais, mitos. [...] A manipulação do imaginário social é particularmente importante em momentos de mudança política e social, em momentos de redefinição de identidades coletivas.”(CARVALHO, 1990, p.10-11)

Chávez, ao discursar sobre as ideias bolivarianas, busca substituir o imaginário social promovido pelo *Puntofijismo*,<sup>9</sup> que instalou na Venezuela um Estado neoliberal, pelo bolivarianismo, cujo caráter de integração latino-americana e de combate ao imperialismo norte-americano vigoram. Segundo propõe Bronislaw Baczko em seu texto *Imaginação social*, quando líderes políticos exaltam um imaginário social através de representações que buscam defender uma causa ou uma revolução, ao mesmo tempo cria-se uma imagem desvalorizada do adversário, buscando invalidar sua legitimidade. Nesse sentido, o mandatário venezuelano se utilizou de vários recursos para não só engrandecer os símbolos de sua revolução

---

<sup>9</sup> Referente ao Pacto de Pundo Fuji, em que os presidentes deveriam manter a democracia a qualquer custo e impedir a criação de governos autoritários.

bolivariana, mas também para criticar o imperialismo norte-americano e seus aliados dentro da Venezuela e são esses recursos que trataremos no nosso trabalho.

Já dizia Baczko que “Fazer a revolução implica necessariamente abrir-se ao imaginário que ela produz, partilhar os mitos e as esperanças que dela brotam, vivê-la como um momento único em que `tudo se torna possível`.” (p. 303, 1985) Essa ideia pode sintetizar bem na forma em que Hugo Chávez comanda sua revolução bolivariana, a busca pela mudança nas *almas* do povo venezuelano. Tudo na sua imagem e na imagem de seu governo é pensado de forma a reafirmar o imaginário social bolivariano, desde seu uniforme camuflado e sua boina vermelha, que representam o poder militar, já que o exército na Venezuela é visto com bons olhos, além do fato de Bolívar ter sido chefe do exército caraquenho no século XIX, até as palavras proferidas pelo mandatário, que inspiram sempre a luta revolucionária contra o imperialismo *diabólico* dos Estados Unidos, o que torna estes símbolos ainda mais autêntico como parte do imaginário social.

O principal símbolo utilizado por Chávez em seus discursos é o do herói. Ligando-o ao imaginário social do mundo político, podemos analisá-lo sobre um viés cultural, nesse sentido estaremos tratando de uma *cultura política*, na qual, segundo Serge Berstein “[...] a evocação da cultura política inscreve-se na renovação da história política [...]” (1998, p. 349). Essa perspectiva abre um leque de possibilidades bastante profícuo para a análise da cultura política.

Com efeito, é no quadro da investigação, da explicação dos comportamentos políticos no decorrer da história, que o fenômeno da cultura política surgiu como oferecendo uma resposta mais satisfatória do que qualquer outra das propostas até então [...] (BERSTEIN, 1998, p. 349). Seu principal símbolo de coesão é o herói

Simon Bolívar. É ele quem dá nome a sua revolução. Ele também se utiliza de um discurso bem próximo ao da teologia da libertação e de um socialismo muitas vezes renegado pelo próprio Chávez. Podemos então destacar esses três pontos de análise para compreender a forma com a qual o novo imaginário social vem sendo moldado desde 1999.

#### **a) Bolívar**

Bolívar foi um caraquenho que lutou pela independência de vários países da América Latina e é considerado um mártir por diversos povos do subcontinente, principalmente os países andinos como Venezuela, Colômbia e Bolívia. Nascido em 1783, filho de *criollos*, pertenceu à uma classe mais abastada e com um certo poder aquisitivo. Quando ainda criança ficou órfão de pai aos três anos, e seis anos depois sua mãe também veio a falecer. Foi morar com o seu tio, com o qual não se deu bem, e passou a viver com um tutor, que se tornaria seu mentor intelectual, Simón Rodríguez. Estudou em Madrid quando jovem e posteriormente na França, onde teve contato com os textos dos principais intelectuais franceses do movimento iluminista, momento em que começou a entender sobre o a natureza do homem e do Estado. Em 1906 voltou a Caracas quando ficou sabendo do movimento de independência da região liderado pelo general Francisco Miranda. Esse movimento se expandira por diversas regiões da América Latina e assim como outros

intelectuais e oficiais do exército iniciou uma luta pela independência da América ante a Coroa espanhola.

Bolívar foi o líder da independência venezuelana diante da Espanha e auxiliou, através de cartas e discursos, a motivar outros países a também buscarem sua soberania. Seu pensamento é marcado por duas ideias que inspiraram Hugo Chávez e outros líderes sul-americanos: a de libertador da América Latina e a de agregador político do subcontinente e defensor do pan-americanismo<sup>10</sup>. Essa é a base que sustenta todo o arcabouço do imaginário bolivariano. É isso que o torna o herói nacional mais aclamado na Venezuela e também em outros países andinos. Símbolo da união entre os países da América Latina, é utilizado como ponto de partida para diversas propostas de mudanças políticas, econômicas e também de mentalidade. Apesar de ser uma figura controversa e bastante discutida entre os meios acadêmicos e políticos, o Bolívar que é enaltecido na Venezuela não é um homem histórico, é um homem mítico, uma espécie de herói ou melhor, um deus. Baczkó fala sobre essas escolhas feitas por uma sociedade, na intenção de criar um elemento mítico unificador. “Na maioria das representações colectivas, não se trata da representação única de uma coisa única, mas sim de uma representação escolhida mais ou menos arbitrariamente a fim de significar outras e de exercer um comando sobre as práticas.” (p. 306). Devemos portanto estar cientes de que houve uma escolha, mesmo que inconsciente, das qualidades presentes no mito chamado Bolívar, qualidades estas que servem para legitimar atos do presidente Hugo Chávez como por exemplo o desejo do pan-americanismo e a independência

---

<sup>10</sup> O termo pan-americanismo usado neste trabalho é de matriz bolivariana, engloba os países americanos que se uniram contra o domínio das nações imperialistas.

econômica e ideológica dos países imperialistas, além da admiração pelo exército venezuelano, símbolo de força e da independência do país.

Vários são os adjetivos dados a Bolívar, é conhecido também como *El Libertador* e *Padre noster* da Venezuela. Ele se torna portanto, não só um mito, mas uma figura sagrada, uma espécie de trindade política, pois é ao mesmo tempo o Pai (da pátria) o Filho (aquele que se sacrificou pelo seu povo) e o Espírito Santo (energia presente no coração da política e do povo venezuelano). Há aí uma simbiose entre política e religião bastante presentes nos discursos políticos de Chávez que nos faz acreditar nessa fusão e tal qual a Teologia da Libertação, prega a união do povo diante as mazelas infringidas pelo capitalismo perverso e diabólico.

## **b) Teologia da Libertação**

Desenvolvida por teólogos da América Latina, tendo como um de seus expoentes mais importantes Leonardo Boff, a teologia da libertação é algo idiossincrático no nosso subcontinente, apesar de ter ideologia semelhante em outras regiões do mundo. Surgida a partir da união da Teologia da Esperança, Teologia Política e Evangelho Social, defendia a interpretação do evangelho para os dias de hoje, levando a palavra de Deus como forma de libertar o oprimido, e de fazer com que o *povo*<sup>11</sup> superasse a alienação a que estava sujeito pela exploração de donos de fábrica e latifundiários. É uma doutrina contra a antiga caridade

---

<sup>11</sup> O povo segundo a teologia da libertação é um grupo predominantemente dominado por pobres.

praticada pela própria Igreja Católica, que no modo de ver dos teólogos da libertação mantém os *status quo*. Segundo Leonardo Boff, este tipo de teologia visa a utilização da palavra de Deus como reflexão sobre os problemas atuais na América Latina<sup>12</sup>, todavia ao invés de defender a simples caridade, defende-se o esclarecimento sobre a opressão dos patrões e das elites sobre a população mais pobre, buscando elevar o espírito de luta deles para que não aceitem a exploração e a mais-valia de forma natural. A presença da teologia da libertação nos discursos chavistas se dá quando ele compara Simon Bolívar a Deus e torna o utilizá-lo como símbolo divino.

Através dos deuses que os homens criam, estes dão corpo à consciência de pertencerem a um todo comunitário, enquanto as representações coletivas reconstituem e perpetuam as crenças necessárias ao consenso social. Qualquer sociedade é capaz de se erigir em deus ou de criar deuses, isto é, produzir representações carregadas do sagrado. (MAUSS apud BACZKO, 1985, p. 306-307)

Apesar dessa simbiose entre a religião católica e a política de Chávez, devemos salientar que o objeto sacralizado nesse caso específico não é Deus, mas sim o próprio Bolívar, que se torna o ser supremo nessa nova teologia libertadora e política. Chávez cria na verdade não uma religião política, mas sim um panteão bolivariano composto também por Ezequiel Zamora, Simón Rodrigues, Maisanta, Ernesto Che Guevara, Miranda, etc., sendo que todos eles são utilizados como forma de levar o povo à luta para se libertar das ideologias imperialistas e adotar as ideias socialistas e pan-americanistas.

---

<sup>12</sup> Existem outras propostas religiosas para o esclarecimento das classes mais pobres na África e Ásia.

### c) Socialismo

Desde que a burguesia ascendeu ao poder, partidos e grupos de esquerda vem tentando criar maneiras de elevar a condição do trabalhador assalariado e criar condições de igualdade entre todas as pessoas. Com o desenvolvimento das ideias de Karl Marx e Friedrich Engels, surge a sistematização das ideias socialistas no mundo capitalista. O marxismo tornou-se uma arma intelectual contra a exploração do trabalhador. O leninismo e posteriormente o stalinismo se utilizaram de parte das ideias de Marx na montagem da URSS que se transformou no principal pesadelo da grande potência capitalista, os Estados Unidos. Apesar da grande influência que o socialismo soviético teve no mundo inteiro e das mudanças radicais contra e a favor do movimento socialista no mundo, Hugo Chávez não acredita na existência do socialismo enquanto sistema econômico realmente existente, para ele não houve a implantação desse sistema.

Ayer me preguntaba un periodista después de la película, ¿por qué usted defiende el socialismo si fracasó la URSS? La respuesta es muy simple, la Unión Soviética se desvió desde temprano y nunca hubo socialismo en la Unión Soviética de verdad. Este siglo XXI será el siglo del socialismo, de la especie humana. (CHÁVEZ, 2009)

A inexistência do socialismo na União Soviética se alia ao fato de que a revolução começaria agora, que as mudanças só poderiam ocorrer nesse contexto em que vivemos atualmente, pois é agora que as condições técnicas permitem que o homem tenha condições de desenvolver o socialismo e isso deveria ocorrer, segundo Chávez, nos países latino-americanos, que sofrem com a desigualdade e a



exploração dos países mais ricos. Devemos nos lembrar porém, que a base teórica dessa proposta de mudança não vem de Karl Marx, mas sim de Símon Bolívar. Marx é colocado aqui em segundo ou até terceiro plano, já que o panteão latino-americano vem na frente como os salvadores do mundo.

Os três pontos descritos acima estão presentes em grande parte dos discursos de Hugo Chávez. Essas características são a base do imaginário social do qual o presidente venezuelano faz uso constantemente. Em síntese, seu discurso destaca a ideia de que a única maneira de conseguir fazer a revolução é através da união de toda a América Latina, só assim se teria uma força suficiente para destruir o capitalismo opressor dos Estados Unidos, e é com esse intuito que ele usa a imagem de Bolívar como uma força aglutinadora.

## **7 DISCURSO BOLIVARIANO: BOLÍVAR NO CÉU, CHÁVEZ NA TERRA**

O discurso bolivariano estruturado por Hugo Chávez tem como marca o exagero e a sacralização da figura do herói nacional. Se pudermos fazer uma comparação com a religião católica, Bolívar não seria um santo, mas o próprio Senhor. Devemos entretanto, fazer uma ressalva, pois quando o mandatário venezuelano chama Bolívar de Pai, refere-se a ele como o patrono da nação e Pai da Pátria e não necessariamente como Deus. O que torna essa simbiose concreta e

eficaz é a relação estabelecida entre termos políticos como povo, nação, imperialismo e conceitos religiosos como filhos (de Deus), inferno, diabo, pecado, etc. colocando-se o líder muitas vezes como sendo o próprio Salvador, ou Cristo.

Em diversas falas, a figura do herói Bolívar é comparada à imagem do Pai. Isto é perceptível até mesmo na alcunha na qual ele é retratado. Dizer que ele é “El Libertador” é dizer para aquele que se apoiarem nos seus ideais será libertado ou salvo do mal presente no imperialismo norte-americano e no capitalismo de modo geral.

En medio del júbilo del Bicentenario conmemoramos **Padre** [grifo nosso] Bolívar con los niños cantando y declamando, con nuestros jóvenes entonando las gloriosas notas del Himno Patrio, con nuestro pueblo alegre en las calles celebramos este tu nuevo aniversario trayéndote esa bandera liberada, bordada, hecha con infinito amor en todos los rincones de la patria venezolana. (Chávez, 2010)

O discurso acima foi uma homenagem aos 227 anos do nascimento de Bolívar, e nele o Libertador aparece claramente como o Pai ou patrono da nação venezuelana, tendo como seus filhos o povo. Esta celebração é semelhante às celebrações de natal, em que se comemora o nascimento de Deus encarnado na figura de Jesus. Em outro trecho do mesmo discurso, Chávez cita uma frase de Bolívar e logo após exalta “Eso lo dijo Simón Bolívar ¡Qué grande fuiste Padre! ¡Qué grande eres Padre Bolívar! ¡Qué grande serás para siempre! ¡Vaya empeño heroico, vaya empeño gigantesco!” (Chávez, 2010)

Em outro discurso proferido em Copenhagen, Chávez exalta seu herói quase como um Deus, que tem o poder de libertar, não somente a Venezuela, mas o restante da América Latina das garras do capitalismo imperialista. “Señor Presidente, hace casi dos siglos un venezolano universal, libertador de naciones y

precursor de conciencia, dejó para la posteridad un apotegma pleno de voluntad: 'Si la naturaleza se opone, lucharemos contra ella y haremos que nos obedezca.' Era Simón Bolívar, El Libertador.” (Chávez, 2009)

Dessa analogia de Bolívar como o Pai segue-se que o próprio Hugo Chávez é o Filho, representante dos ideais bolivarianos e disseminador das ideias de Bolívar. Ele se coloca como um messias que surgiu para abrir os olhos do povo que estava cego diante do domínio do mal – o capitalismo. Para derrotá-lo, Chávez clama pela união dos povos e das religiões contra os EUA e as outras potências capitalistas.

La historia nos llama a la unión y a la lucha. Si el capitalismo se resiste, nosotros estamos obligados a dar la batalla contra el capitalismo y a abrir los caminos de la salvación de la especie humana. Nos toca a nosotros, levantando las banderas de Cristo, de Mahoma, de la igualdad, del amor, de la justicia, del humanismo, del verdadero y más profundo humanismo. Si no lo hiciéramos, la más maravillosa creación del universo, el ser humano, desaparecerá, ¡desaparecerá! (Chávez, 2009)

Chávez diz que a união do povo trará a sua liberdade e chama a todos aqueles que querem um país sem a interferência dos EUA, que se unam num ideal libertário

El libro de Chomsky, *El miedo a la democracia*, las élites le tienen miedo a los pueblos, a la verdadera democracia. Abraham definió a la democracia como gobierno del pueblo, gobierno por el pueblo y gobierno para el pueblo. No es el gobierno de la burguesía y cuando surge el pueblo sueltan los gorilas y eso es lo que pasa en Honduras y lo que pasó en Venezuela en 2002. (Chávez, 2009)

Assim como no cristianismo, o bolivarianismo de Chávez tem o seus seguidores, os filhos de Deus que irão difundir a palavra de Bolívar. “Hoy no nos queda que decir lo mismo, a nosotros los hijos y las hijas de Bolívar, ustedes

mujeres, las hijas de Bolívar.” (Chávez, 2010) É através dessa união entre os “filhos” e “filhas” do Pai que a palavra salvadora poderá ser amplamente divulgada.

Temos aqui já desenhada a relação entre a política bolivariana e a religião cristã, porém é preciso esclarecer contra quem o povo e o “Pai Bolívar” estão lutando, qual é o demônio que eles enfrentam. O demônio nada mais é do que o governo dos Estados Unidos da América, que se tornaram o principal símbolo do capitalismo atual e alvo das maiores críticas de Chávez, mais especificamente o governo de George W. Bush.

No discurso feito em 2006 na Assembleia Geral da ONU Chávez ao iniciar sua fala sobre o livro *Hegemonía o Supervivencia: La estrategia imperialista de Estados Unidos* de Noam Chomsky, Chávez fez uma comparação de Bush com o demônio.

Miren, yo creo que los primeros ciudadanos que deberían leer este libro son los ciudadanos hermanos y hermanas de los Estados Unidos, porque la amenaza la tienen en su propia casa, el Diablo está en casa pues. El Diablo, el propio Diablo está en casa.<sup>13</sup>

Ayer vino el Diablo aquí, ayer estuvo el Diablo aquí,<sup>14</sup> en este mismo lugar. ¡Huele a azufre todavía esta mesa donde me ha tocado hablar! Ayer señoras, señores, desde esta misma tribuna el Señor presidente de los Estados Unidos, a quien yo llamo “El Diablo”, vino aquí hablando como dueño del mundo. Un psiquiatra no estaría de más para analizar el discurso de ayer del presidente de los Estados Unidos. Como vocero del Imperialismo vino a dar sus recetas para tratar de mantener el actual esquema de dominación, de explotación y de saqueo a los pueblos del mundo. Para una película de Alfred Hitchcock<sup>15</sup> estaría bueno, incluso yo propondría un título: “La receta del Diablo”. (Chávez, 2006)

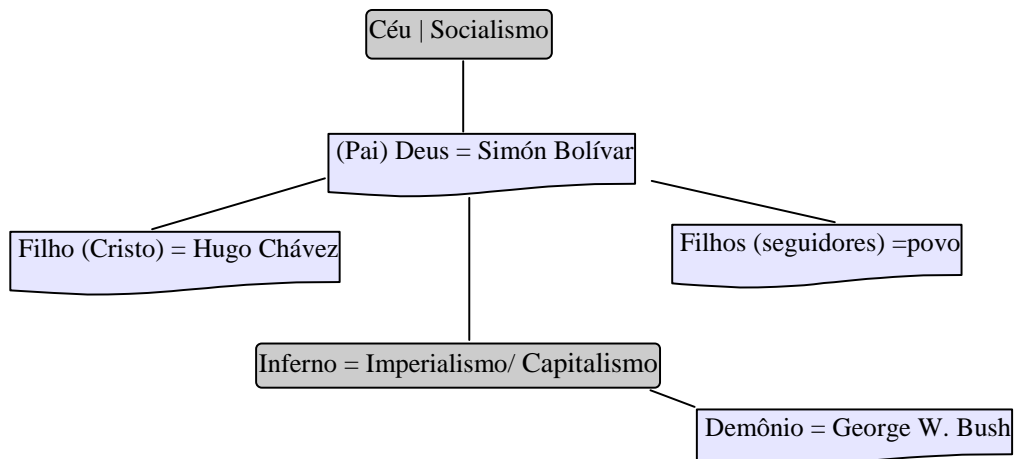
---

<sup>13</sup> Risada das pessoas que estavam presentes na assembleia.

<sup>14</sup> Chávez faz o sinal da cruz ao pronunciar a palavra *Diablo*

<sup>15</sup> Cineasta americano, considerado um dos maiores autores de gêneros de terror.

Esse é o mal contra o qual Chávez luta; um mal moral que transparece nas políticas imperialistas dos Estados Unidos. Essa visão impregna o discurso chavista de dicotomias claramente associadas à tradição cristã (ver diagrama abaixo):



A representação acima mostra de forma resumida como o discurso de Hugo Chávez é formado por elementos políticos ligados a elementos religiosos, mostrando que a sua luta revolucionária utiliza de elementos discursivos que apelam para o imaginário social latino-americano, imaginário esse formado pela religiosidade católica, pelo culto a Bolívar e pela busca por um socialismo que ainda não chegou e que ainda é uma utopia para a América Latina. A partir dessa simbiose de política e religião, o imperialismo norte-americano e as alianças regionais são interpretados pelo discurso chavista sob a mesma ótica fundamentalista com que o governo desse país avalia o regime venezuelano: se para este, Chávez e seus aliados constituem o “eixo do mal”, para o líder venezuelano o capitalismo é o inferno e o socialismo cristão a salvação possível.

## 8 CONCLUSÃO

A elaboração deste trabalho visou a identificar os elementos centrais do discurso de Hugo Chávez e os sentidos que eles assumem no contexto dos conflitos internos e regionais. Vimos que a exaltação da figura de Bolívar vai muito além dos usos feitos pelo bolivarianismo tradicional ao assumir conteúdos socialistas e cristãos afins com os novos tempos. Elementos políticos, religiosos e ideológicos são misturados e explanados de forma veemente e eficaz pelo presidente venezuelano, com o intuito de legitimar suas políticas, tanto no âmbito doméstico, quanto internacional.

Nesse contexto, a cultura política bolivariana é ativada por Chávez como forma de legitimar seus planos afirmar a existência de uma unidade latino-americana, que luta pela sua independência diante dos países ricos e de ajuda mútua entre os países do subcontinente. No caso venezuelano, essa referência vem acompanhada de outros heróis e mártires que contribuíram para a independência da Venezuela ou para a afirmação latino-americana, que ficou subjugada aos países europeus e posteriormente dos Estados Unidos.

Chegamos a conclusão, portanto, que um líder político pode erigir uma cultura política baseando-se no imaginário social de um povo, buscando atrelar a realidade social à história de pessoas que tiveram algum significado para uma nação.

## REFERÊNCIAS

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: **ENCICLOPÉDIA Einaudi**: Anthropos-homem. Porto: Imprensa Nacional – Casa da moeda, 1985, p. 296-332. v. 5.

BARROS, José D'Assunção. História Política e História Social. In:\_\_\_\_\_. **O campo da história**: Especialidades e abordagens.4ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004, p. 106-124.

BARTLEY, Kim; O'Briain. **A revolução não será televisionada**. Irlanda: Angel H. Zoido, 2003. DVD (74 min.)

BEIRED, José Luís Bendicho. Revolução e Cultura Política na América Latina. In: DAYRELL, Eliane Garcindo; IOKOI, Zilda M. Grícoli. **América Latina contemporânea**: desafios e perspectivas. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: EDUSP, 1996 cap. 4, p. 437-444.

BERMÚDEZ, Emilia; MARTÍNEZ, Gildardo. Hugo Chávez: La articulación de un sentido para la acción colectiva. **Espacio Abierto**. V. 9, n. 1, p. 53-77, jan.-mar. 2000, Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=12290104>>. Acesso em: 06 jun. 2011.

BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1998. p. 349-363.

BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. **Como fazer teologia da libertação**. Petrópolis: Vozes, 1986. 141p.

BOLET, Francisco José; BARRERA, Luis. Iglesia Católica y gobierno venezolano en la diatriba pública: Estrategias discursivas de poder, autodefensa y ataque. **Revista Signos**, Valparaíso, v. 37, n. 56, p. 7-21 2004. Disponível em: <[http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/html/1570/157013763002/157013763002\\_1.html](http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/html/1570/157013763002/157013763002_1.html)> Acesso em: 06 jun. 2011.

BOLIVAR, Simon. **Escritos políticos**. Lisboa: Estampa, 1977. 192 p

CARVALHO, José Murilo de. Introdução. In:\_\_\_\_\_. **A formação das almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. (18ª reimpressão, Companhia das Letras – 2008). p. 9-16.

FALCON, Francisco J. Calazans. História e representação. In: CARDOSO, Ciro Flamarion S; MALERBA, Jurandir. **Representações: contribuição a um debate transdisciplinar**. Campinas: Papyrus, 2000, p. 41-97

FILHO, Clayton Mendonça Cunha. **Bolivarianismo**: ideologia da esquerda latino-americana no novo século. Disponível em <[http://www.nacionalidades.net/textos/Clayton%20Cunha\\_Bolivarianismo.pdf](http://www.nacionalidades.net/textos/Clayton%20Cunha_Bolivarianismo.pdf)>. Acesso em: 22/01/2012

GIDDENS, Anthony. Introdução. In:\_\_\_\_\_. **Para além da esquerda e da direita**: o futuro da política radical. São Paulo: Editora UNESP, 1996, p. 9-61

KUSCHNIR, Karina; CARNEIRO, Leandro Piquet. As dimensões subjetivas da política: cultura política e antropologia da política. **Revista Estudos Históricos**, América do Norte, 13, dez. 1999. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2100/1239>> Acesso em: 23 jan. 2011.

LANDER, Luis E. y MAYA, Margarita López. Referendo revocatorio Elecciones Regionales en Venezuela: Geografía Electoral de la polarización. **Revista Venezolana de Economía y Ciencias Sociales**, Caracas, v. 11, n. 1, p. 43-58, jan.-abr. 2005. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=17711104>> Acesso em 6 jun. 2011.

MARCANO Cristina; TYSZKA Alberto Barrera. **Hugo Chávez sem uniforme**: uma história pessoal. Traduzido por: Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Gryphus, 2006, 414 p.

MAYA, Margarita López. Venezuela 2001-2004: actores y estrategias. **Cuadernos del CENDES**. V. 21, n. 56, p. 105-128, mai.-ago. 2004.; [fecha de consulta: 23 de junio de 2012] Disponível em:<<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=40305606>> Acesso em: 06 jun. 2011.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A história política e o conceito de cultura política. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA AMPUH/MG, X, 1996, Mariana. **Anais do X encontro regional de História**: Minas, trezentos anos: um balanço historiográfico. Mariana, ANPUH-MG, 1996, p. 83-91

\_\_\_\_\_. Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia. In: MOTTA, R. P. S. (Org.) . **Culturas Políticas na História**: Novos Estudos. Belo Horizonte: Argumentum, 2009. v. 1, p. 13-37

REMOND, René. Uma história presente. In:\_\_\_\_\_. **Por uma história política**. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 227-250.

REPUBLICA BOLIVARIANA DE VENEZUELA - MINISTERIO DE EDUCACIÓN Y DEPORTES. **El Pacto de Punto Fijo**. Disponível em <<http://html.rincondelvago.com/pacto-de-punto-fijo.html>>. Acessado em: 19/08/2012

VILLA, Rafael Duarte. Dos etapas en la política exterior venezolana frente a Estados Unidos en el período de Hugo Chávez. **Cuadernos del CENDES** v. 21, n.55, p. 21-55, jan.-abr. 2004, Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=40305503>>.



YÚDICE, George. Globalização e cultura na América Latina. In:\_\_\_\_\_. *A conveniência da cultura: usos da cultura na era global*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 129-153

ZANCOPE, T. C. M. . A República Bolivariana da Venezuela: Bolivarianismo e a nação na perspectiva de Hugo Chávez Frías. In: **VIII Congresso De Pesquisa, Ensino e Extensão PROEC-38**, 2011, Goiania. Anais/Resumos da 63ª Reunião Anual da SBPC, 2011. p. 1-5.

## FONTES

CHÁVEZ, Hugo. **La última revolución del siglo XX y primera del XXI**. 2 out. 2010. Disponível em: <<http://www.chavez.org.ve/temas/discursos/primeraxxi/#.TkAZLWe6n4>>

CHÁVEZ, Hugo. **Cartas desde prisión**. 16 set. 2010. Disponível em: <<http://www.chavez.org.ve/temas/cartas-prision/>>

CHÁVEZ, Hugo. **¡Huele a azufre!**. 20 set. 2006. Disponível em: <<http://www.chavez.org.ve/temas/discursos/huele-azufre/>>

CHÁVEZ, Hugo. **Discurso del presidente de la República Bolivariana de Venezuela Hugo Chávez en el acto conmemorativo de los 200 años de la Academia Militar de Venezuela**. 3 set. 2010. Disponível em: <<http://www.chavez.org.ve/temas/discursos/academia-militar-venezuela/>>

CHÁVEZ, Hugo. **Discurso del Presidente de la República Bolivariana de Venezuela, Hugo Chávez, en el 227 aniversario del natalicio de Simón Bolívar** 24 jul. 2010. Disponível em: <<http://www.chavez.org.ve/temas/discursos/discursopresidente-republica-bolivariana-venezuela-hugo-chavez-227-aniversario-natalicio-simon-bolivar/>>

CHÁVEZ, Hugo. **Nunca más Venezuela será colonia yanqui**. 19 abr. 2010. Disponível em: <<http://www.chavez.org.ve/temas/discursos/nunca-venezuela-colonia-yanqui/#.TkGZrWe6n4>>

CHÁVEZ, Hugo. **Discurso en Copenhague: No cambien el clima, cambien el sistema**. 17 dez. 2009. Disponível em: <<http://www.chavez.org.ve/temas/discursos/discursocopenhague-no-cambien-clima-cambien-sistema-2/>>

CHÁVEZ, Hugo. **Chávez en la ONU: Nada podrá detener la Revolución en América Latina**. 24 set. 2009. Disponível em: <<http://www.chavez.org.ve/temas/discursos/chavez-onu-nada-podra-detener-revolucion-america-latina/>>